

GRAVURA RADICAL¹

Rosa Esteves, que expõe neste ano no Japão, usa espaços públicos como galeria de suas gravuras, por Kátia Canton

A artista Rosa Esteves vem imprimindo sua marca pessoal na gravura, e essa especificidade nasce do diálogo entre uma apropriação quase intimista dos mais diversos materiais para fazer suas obras e a escolha de espaços públicos como lugar privilegiado para expô-las. Formada em artes plásticas com pós-graduação em Museologia, seu projeto mais recente reúne elementos e símbolos marítimos expostos nas praias.

O “projeto praia”², que ela iniciou em Guaecá, no litoral norte de São Paulo, em 1997, e deverá ter continuidade neste mês, em São Sebastião, consiste em uma coleção de pequenas peças texturizadas, realizadas a partir de uma matriz de argila, onde são impressas formas retiradas da própria natureza, como conchas, estrelas-do-mar, caramujos, peixes. As matrizes depois dão origem a gravuras feitas em papel de arroz finíssimos, que capta formas, sulcos, gestos da mão. As formas finais são resinadas e assumem o aspecto de uma pele transparente e resistente. Prontas as formas, Rosa Esteves utiliza as praias como galerias de arte abertas. As peças são fixadas perto das águas ou sobre os rochedos e suas reentrâncias. O resultado é uma mostra sutil, quase invisível. “As formas criadas mimetizam as formas da natureza. Isso dá leveza ao que é feito. Mas as pessoas percebem algo diferente no ambiente”, diz Rosa.

Se a praia é a “galeria” privilegiada para a inspiração e a matéria que Rosa Esteves tira do mar, não é a única; a convite da Fundação Japão, o mesmo projeto deverá adaptar-se a uma plantação de arroz, em Senday, no norte do Japão. A artista prepara, para os meses de setembro e outubro, gravuras também com formas marinhas, com dimensão de um metro quadrado, para instalar no meio de um arrozal.³

Rosa tem feito ainda outras experiências com gravura. Chega a usar a si mesma como molde. Faixas de gaze engessadas são aplicadas nas partes de seu corpo. Quando retiradas, formam um tecido de texturas, negativo do molde. É uma das ousadias de uma artista que dedica boa parte de seu tempo à pesquisa, cuidando do acervo fotográfico do museu e de matrizes de gravuras de Lasar Segall. “No museu Lasar Segall, vejo estudos, coisas que ninguém nunca vê. Eu mesma posso imprimir suas matrizes”, diz ela.

¹ Texto publicado na **REVISTA BRAVO** – INGRESSO, março de 1998, p 55.

² Posteriormente denominado Projeto **FRACTUS BRASIL**

³ Projeto não realizado